

Stadium

N.º 409 ★ 4 de Outubro de 1950 ★ 2\$50



BENFICA-BRAGA — Cesário, excelente guarda redes, sai e faz-se ao lance para tirar a bola do domínio de Águas, o homem que marcou quatro golos, mas este, inegavelmente, também salta em bom estilo. Dois adversários dignos um do outro. Nasceu um centro-avanzado!

UMA PROVA EM CHEIO

Comentários de TAVARES DA SILVA

ATÉ que enfim — chegou o Campeonato da Primeira Divisão a sério, dando-nos tudo que uma prova de real categoria contém, desde as surpresas aos resultados de desnível e que ninguém aguardava. E' afinal o que marca o valor de um torneio de grande envergadura — esperar-se uma coisa e surgir outra...

Afirmamos que não há competição deste género, verdadeiramente idónea, sem o sal e pimenta das surpresas. A terceira jornada se não deve-se ser tida como uma excepção à regra, destruiria muitos princípios. Um deles, pelo menos, ficou muito afectado, aquele que nos diz que *desafios em casa do adversário* são muito difíceis, porque afinal se prova que a dificuldade não é intransponível.

Exemplo pujante de Vida concedeu-nos o Futebol Clube do Porto, indo ao campo do adversário recolher dois pontos para a sua tabela e colocando-se isolado no segundo posto. Até onde irá a carreira do Porto? — Eis uma incógnita difícil de prever, mas é indiscutível que os portunenses se aprestam para desempenhar um papel de relevo na prova. A equipa parece remocada, com o novo treinador e a inclusão do *internacional* Araujo. Prevê-se grande melhoria do F. C. P. e o renascer da luta directa dos portunenses contra o Sporting e Benfica que, a verificar-se, seria grande aliciante da Prova. Recordar essas velhas lutas entre o campeão do Norte e os melhores de Lisboa é volver saudosamente ao passado.

Os olhanenses têm atenuantes. Não há que negá-las, mesmo dando sempre desconto ao exagero que se filia na paixão clubista. Todavia, há uma coisa que nada conseguirá destruir e essa é a bela acção portunense, digna e acutilante, conseguindo um dos maiores triunfos de que há memória em terras algarvias.

Também se nos afigura digna de nota a afirmação

produzida pelo Vitória de Setúbal em Guimarães. Já se conheciam a boa condição física dos setubalenses, mas resultados como este empate só se conseguem com boa mecanização do grupo, o que indica acerto na manobra em campo, isto é, na condição tática da equipa. Foram estes os resultados que põem em cheque, de certa maneira, a vantagem de jogar dentro de casa.

A lei da forma está a funcionar já com inteira verdade, descrevendo vários concorrentes uma linha de subida enquanto que outros ficam no mesmo ponto ou iniciam a trajectória da descida. As equipas que, a seu tempo, conseguiram ou conseguem a solução total, ou, pelo menos, a mais indicada para os vários problemas que estavam na base do seu trabalho e rendimento, apuram a sua forma e reflectem esse apuramento quando entram no rectângulo.

É o caso, por exemplo, do Benfica, que nos deu contra Braga, uma demonstração de aperfeiçoamento do seu futebol ofensivo tornada possível pela descoberta de um centro-deanteiro de classe e envergadura.

Não nos impressiona a marca dos golos contra Braga, apesar do peso normal deste argumento, mas a maneira como eles foram adquiridos. Sabia-se até agora a dificuldade que o Benfica deparava para, com base na sua modelar engrenagem de defesa, encontrar no ataque a jogada clara, simples, mortal — a jogada do golo. Ora, o novo centro-deanteiro, Aguiar, conseguiu dar, na verdade, a sugestão de tornar fácil a jogada difícil, num espaço de campo, na zona das balizas, em que tudo se produz à custa dos mais pesados sacrifícios. Há neste rapaz, todo um jogador que surge, qualquer coisa de intransponível mas que representa uma vocação, só assim se explicando em elemento jovem e estreado a calma e tranquilidade do seu jogo em frente das redes e a rapidez

II DIVISÃO

Operário e Montijo não tremem

Nas outras Associações do País o entusiasmo é grande

NÃO é só nas associações de Lisboa e Setúbal, que os torneios de apuramento com vista ao Nacional da II Divisão estão a decorrer com grande entusiasmo. Em todas as associações do país interessadas no Nacional, reina a mesma febre. A luta entrou agora numa fase quase decisiva. E os clubes na liça dão todo o seu esforço e energia para conquistar a posição almejada: o ingresso na segunda fase. Para isso os agrupamentos não se poupam a esforços, lutando com bravura e vontade. Vejamos agora, os diversos jogos.

Em Lisboa e Setúbal . . .

Resultados dos encontros da A. F. Lisboa:

- F. Benfica 3 — Alhandra 3
- Arroios 4 — Palmense 2
- Operário 3 — S. L. Olivais 2

dos seus reflexos que o faz aproveitar as oportunidades. Não sabemos porquê, mas insensivelmente tivemos a impressão de que se trata de um avançado-centro no estilo de Vitor Silva. Ao ver Aguiar marcar o golo com que fechou a partida lembrámo-nos de repente que já tínhamos visto em qualquer sítio, há muito tempo, golos perfeitamente iguais...

Apesar de tudo, o Sporting de Braga deixou-nos impressão de grupo consciente e de bom futebol, mais valorizado no ataque do que na defesa. As pedras fundamentais dessa ofensiva (Cassiano e Elói) conseguem prodígios.

A equipa da Covilhã também se comportou muito bem no campo do Bessa, parecendo-nos no entanto inofensível que o Boavista deu o toque, avisando que é onze mais categorizado do que os primeiros resultados deixaram supor.

Quatro clubes de Lisboa disputaram partidas cheias de animação. O Atlético perdeu, assim como o Oriental. Ambos estão, porém, a subir. A ascensão do Oriental é notória. O grupo, grande inimigo em sua casa, torna-se perigoso fora dela.

O maior problema dos grupos lisboetas reside em Belém, Salvador do Carmo, orientador técnico, já desistiu do cargo. Que futuro estará reservado à equipa? Pelo contrário, dada a relatividade das coisas, a Académica mostra-se disposta a marcar a sua posição, e não teme soluções, adoptando-as e fazendo experiências em busca de melhoria.

Os resultados da 3.ª jornada são expressivos: Sporting 4-Atlético 1, Benfica 8-Braga 2, Estoril 3-Oriental 1, Académica 2-Belenenses 0, Olhanense 0-Porto 4, Guimarães 1-Setúbal 1, Boavista 4-Covilhã 3. Não há socego nem tranquilidade na Prova — os que seguem à frente temem o fracasso e os que se encontram atrasados ardem em desejos de ascender a melhores postos. Eis uma prova em cheio.

No seu próprio campo, o Operário só pôde respirar, a poucos minutos do fim. O S. L. Olivais opôs ao «ledear» uma resistência porfiada. O grupo da Graça viu-se seriamente embaraçado com a codícia e a energia do adversário. E este levantamento da formação do Olivais, há esperado há muito, só pode alegrar os entusiastas. A animosa equipa tem tido uma carreira oscilante. Que este resultado, lhe levante o moral! O grupo que Peyroteo está a construir, o Arroios, há segido calmamente na sua senda, sem grandes alardes mas com segurança. Os adeptos do clube, confiam. E têm razão para isso. A equipa segue no terceiro posto com o mesmo número de pontos do Casa Pia.

Depois dum encontro movimentado e interessante, o F. Benfica empatou com o Alhandra. Qualquer das equipas tem pretensões. A luta que vão travar na 2.ª volta deve proporcionar, interessante espectáculo.

No final da primeira volta, a classificação ficou assim ordenada: Operário, 6 Jogos, 6 vitórias, zero empates, zero derrotas, 19,4 e 12 pontos; Casa Pia, 6, 2, 1, 12,5 e 8; Arroios, 6, 3, 2, 1, 14,0; S. Alhandra, 6, 2, 0, 4, 12,4; F. Benfica, 6, 2, 1, 3, 13,18, 4; Palmense, 6, 0, 3, 7, 18, 3; Olivais, 6, 0, 2, 4, 7, 14, 2.

Nos jogos do Barreiro registaram-se os seguintes resultados:

- Barreirense 4 — Ginásio do Sul 1
- Montijo 2 — Lusó 1
- Cova da Piedade 2 — Seixal 2
- Almada 1 — C. U. F. 0

No jogo mais importante da jornada que atraiu ao Montijo numerosa e entusiástica assistência, o clube local, conquistou uma valiosa vitória. O seu lugar à frente da classificação não é obra do acaso. A equipa, tem valor.

Sabde-se a terceira vitória do Barreirense, o empate que o Seixal foi arrancar à Cova da Piedade, não obstarão sempre difícil para qualquer, e a vitória da ligada equipa do Almada sobre a C. U. F. O torneio está a entusiasmar.

Os outros torneios do apuramento
Nas restantes associações continuam os Campeonatos.

Vejamos a marcha dos torneios:

Vila Real

- S. C. Vila Real 5 — Mirandela 1
- Bragança 5 — Operário 0
- Régua 2 — Chaves 2

O Vila Real, campeão crónico do distrito, segue de vento em popa. A luta pelos lugares secundários está a atingir o auge. De notar a marca alcançada pelo Bragança e o empate que o Chaves foi arrancar à Régua.

Braga

- Gil Vicente 2 — S. C. Fafe 1
- Vianense 4 — Famalicao 1
- F. C. Fafe 0 — Monção 1

Surpreende logo de entrada a marca estrondosa porque o Famalicao venceu. Isto não é razão para o grupo desanimar. A equipa tem aliceres.

(Continua na página 15)

CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	J.	P.	EM CASA			FORA			TOTAL			GOLOS	
			V.	E.	D.	V.	E.	D.	V.	E.	D.	F.	C.
Sporting . . .	3	6	2	0	0	1	0	0	3	0	0	14	2
F. C. Porto . .	3	5	1	0	0	1	1	0	2	1	0	9	2
Estoril	3	4	2	0	0	0	0	1	2	0	1	10	4
Académica . .	3	4	2	0	0	0	0	1	2	0	1	7	7
S. C. Braga . .	3	4	1	0	0	1	0	1	2	0	1	8	10
Benfica	3	3	1	0	1	0	1	0	1	1	1	11	7
V. Setúbal . .	3	3	1	0	0	0	1	1	1	1	1	4	5
Belenenses . .	3	2	1	0	0	0	0	2	1	0	2	3	5
Covilhã	3	2	1	0	0	0	0	2	1	0	2	9	12
Olhanense . .	3	2	1	0	1	0	0	1	1	0	2	5	8
Boavista . . .	3	2	1	0	0	0	0	2	1	0	2	5	8
Guimarães . .	3	2	0	2	0	0	0	1	0	2	1	6	9
Oriental . . .	3	2	1	0	0	0	0	2	1	0	2	4	9
Atlético . . .	3	1	0	1	0	0	0	2	0	1	2	4	10

Série II — Ano VIII — N.º 409
Lisboa, 4 de Outubro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Esta a brilhante carreira de

MANUEL MARQUES

que ele contou e Pitta Castelejo escreveu

(FIM)

Sucedem-se os títulos de campeão — A história do lenço branco

O desgosto sofrido com a perda da final, foi compensado na temporada seguinte, isto é, em 1937-38, com a conquista dos campeonatos de Lisboa e de Portugal. Começava a carreira brilhante do atleta leonino a ter mais luzimento. Comprovada de forma evidente a sua valia, o público sempre justo para os elementos que se impõem, consagrou-o de forma definitiva. Manecas, sorridente, bom rapaz, começou a ser saudado de maneira particularmente efusiva e apontado como um dos bons jogadores, como uma certeza do futebol português. Quando inquiriam, qual deles seria o Manecas, a resposta era invariavelmente a seguinte: É aquele que trás um lenço branco preso à cintura.

Já que falamos do lenço, convém saber as causas do seu aparecimento.

A mãe de Manuel Marques, uma bondosa e santa senhora, extremosa pelo filho, prevenindo os acidentes naturais do futebol, aquelas «carícias» costumadas dos adversários nos joelhos ou canelas, e, ainda, um «encosto» mais forte, daqueles que fazem estalar, teve a peregrina lembrança, — não fosse ela mãe, e mãe há só uma, lá diz a canção, — de lhe oferecer no início de cada época um lenço branco com dois M bordados a verde, para que limpasse o sangue da ferida, se para tal houvesse lugar. Manecas, comovido aceitou o primeiro lenço, o segundo, o terceiro e todos os demais, conforme se iam sucedendo os campeonatos anuais. Mas, nunca os utilizou para o fim pretendido. Foi guardando religiosamente essa prova de ternura daquela que lhe deu o ser e, enquanto viver, o contemplá-los, evocará um rosário de lembranças, daqueles que não se esfumam, mas perduram indelévelmente!

Frente a turmas estrangeiras, continuou a ser o mesmo «leão» de uma só fé, de antes quebrar do que torcer.

Em 1938-1939, não correram as coisas com vento de feição. A equipa carburou de forma irregular e não conseguiu mais do que o Campeonato de Lisboa. Os triunfos e os desaires alternaram-se.

No começo do ano que se seguiu, durante os treinos, cedo se verificou que haveria modificações na constituição das equipas. Relegado para as reservas, em boa companhia, diga-se desde já, pois Canário, Soeiro, Alvaro Cardoso, João Cruz e outros também o acompanharam, venceu com o reconhecimento o campeonato de Lisboa nesta categoria, enquanto a principal se quedou em branco

até ao fim, porque não chamou a si qualquer título.

A consagração oficial: A primeira internacionalização

Uma temporada áurea do Sporting foi, sem dúvida a de 1940-1941. Arrebatou com brilho os três campeonatos que se efectuaram: Lisboa, Nacional e Taça de Portugal. Manecas juntava aos galardões já conquistados, mais três. Grande proeza, enorme alegria! Recordação que não se olvida, tão grata e bela é!

Mais um campeonato, o de Lisboa, em 1941-42, confirmado na época de 1942-43. Depois dos lugares de médio e defesa do lado esquerdo, além de outros em que episódicamente actuou durante estes anos de actividade, passou a jogar a defesa central, por feliz indicação do distinto desportista, sr. Francisco Silva, ao tempo director do Sporting. Debutou no novo posto, em desafio contra a C. U. F., tendo ganho por 6-2. Ainda, mercê do seu donaire no centro do terreno e comprovado valor, que se robustecera de forma notória, teve a honra de ser escolhido para a Seleção dos Novos.

Na temporada de 1943-1944, teve altos e baixos de forma, como é natural a todos os atletas, mas conquistou mais um título: o de campeão nacional.

Finalmente em 1944-1945, viu realizada a mais legítima aspiração de todos os praticantes desportivos: ser internacional.

Vestiu pela primeira vez a camisola das «equinas» no dia 11 de Março de 1945, defrontando a Espanha, no 17.º desafio. O empate de 2-2 é injusto para os portugueses que se creditaram de boa exibição. Teve por companheiros Azevedo, Cardoso, Barros, Xico Ferreira, Serafim, Espírito Santo, Quaresma, Peyroteo (que me-



MANUEL MARQUES — grande jogador português, uma dedicação pelo Sporting e um desportista nobre e correcto que amanhã, no Estádio Alvalade, é alvo de merecida consagração

teu os dois golos), Cabrita e Rafael.

Em 21 de Maio do mesmo ano, voltou a ser «internacional» contra a Suíça, em Basileia. Jogo mal perdido, por 1-0, porquanto os nossos rapazes dominaram insistentemente e foram tecnicamente superiores. A sua inclusão verificou-se após o recomeço da segunda parte, por Feliciano se ter lesionado.

Para coroar esta bela temporada, averbou, ainda, os títulos de Campeão de Lisboa, vencedor da Taça de Portugal e triunfador da Taça Império, instituída para assinalar a inauguração do Estádio Nacional.

Uma carreira recheada de triunfos

Em 1945-1946, venceu, de novo, a Taça de Portugal e deslocou-se

à Suíça e Espanha, como suplente da Selecção Nacional. Na época seguinte ganhou os campeonatos de Lisboa e Nacional, foi suplente da equipa nacional que derrotou a Espanha por 4-1 e bateu, em prêmio magnífico, a famosa turma do Clube de Regatas «Vasco da Gama».

A temporada de 1947-1948 foi a todos os títulos brilhante. Venceu a «Taça de Honras», da A. F. L., que substituiu o Campeonato de Lisboa, o Campeonato Nacional e a Taça de Portugal! Capitaneando a equipa leonina, derrotou em Madrid, o Atlético local, por 6-3, num jogo inesquecível! Ao intervalo já o marcador estava em 6-0. A propósito recorda o «trabalhão» que teve para evitar que a equipa fosse fotografada. Os espanhóis não ficaram contentes, mas não conseguiram o seu propósito senão... ao intervalo. Defrontou também o Atlético de Bilbao, no seu campo, tendo que pôr em jogo todos os recursos para «tapar» Zarra, «el furacón». E, para remate, mais uma internacionalização, a terceira, contra a França, em Bordéus, no 1.º encontro entre as seleções B, dos dois países.

Em 1948-1949, triunfou no Campeonato Nacional e disputou, em Espanha, a 1.ª Taça Latina. Pôde assim vencer no Estádio Metropolitano, a equipa do Torino por 3-1 e lutar contra o jovem mas estupendo Marcheto, centro dianteiro da turma italiana. Na final, contra o Barcelona, em Chamartin, perdeu inglôriamente. Recorda com amargura aquele tento que Jesus Correia perdeu no último minuto e que forçaria a prolongamento.



Em 28 de Janeiro de 1947, Portugal bateu a Espanha, por 4-1. Sentados junto da linha lateral, dr. Tavares da Silva, (seleccionador único), Luis Adão (professor de educação física), Augusto Silva (treinador), Manuel Marques e Albano (suplentes), seguem atentamente o desenrolar do encontro

(Continua na página 10)

BELENENSES cai em COIMBRA



Capela capta a bola por alto no preciso momento. O avançado de Belém dá a impressão de ter feito o golpe de cabeça. Diogo segue a jogada



Macedo persegue a bola! Sério, sentado, ainda conseguiu a defesa



A confusão é grande nas balizas de Belém. Inácio Rebelo salva, todavia, a situação. A sua volta vêem-se Macedo, Bentes, Castela, no chão, e Feliciano



E a Académica marca uma das suas bolas, lançando o pânico no grupo de Belém. As atitudes de Rebelo e Feliciano são sugestivas

PORTO vence em OLHÃO

O grupo do Norte alcançou em Olhão uma vitória que o eleva ao 2.º lugar da classificação geral, fazendo renascer, sempre viva e palpitante, a luta Lisboa-Porto



Dentro da área do Porto, Alfredo corta o golpe e torna inútil a intervenção de Joaquim Paulo



Um remate de Cabrita, chegando a haver a senação do gol



João da Palma procura bater Barrigana, que já fez a defesa sob a protecção de Joaquim

CLICHÉS

feitos com películas e chapas

LUMIÈRE

Alvaro Lopes

A sua Festa de Homenagem e Despedida efectua-se no sábado no Pavilhão dos Desportos



O festival de homenagem a Álvaro Lopes realiza-se sábado próximo, dia 7, no Pavilhão dos Desportos. Promove-o a Académica da Amadora com o patrocínio da Federação de Patinagem e da Associação do Sul. Do programa fazem parte os três desafios seguintes: Académica-Sporting de Oeiras, Benfica-Futebol Benfica e Hóquei de Sintra-Paço de Arcos. Haverá ainda exhibições de patinagem artística por Maria Virgínia (Amadora) e Maria Antónia (Sporting) que são nem mais nem menos do que, respectivamente, a Rainha e a Princesinha do Patim.

Desejar-se-ia melhor? Era impossível... Só se deseja, isso, sim, que ninguém falte, que o Pavilhão dos Desportos (o mesmo recinto onde o homenageado conseguiu para Portugal o primeiro título de Campeão do Mundo!) seja pequeno — e que a festa, em suma, tenha a projecção que na realidade merece.

Sou do Benfica

e esperarei a minha vez de o representar

afirmo-nos **CESÁRIO Rodrigues Matos**

DESDE o princípio da época de 1949/50 que o Benfica conta nas suas fileiras com um jogador jovem — completou em 8 de Setembro corrente 20 anos — a quem pode estar reservado um dos mais salientes lugares da sua equipa de honras de futebol.

Sim, amigos! O jovem de quem estamos a escrever, que conversou conosco em termos que vamos desenvolver-vos, é médio de ataque. O seu nome, é Cesário Rodrigues Matos, e veio de Castelo Branco, onde jogava na equipa de honras da filial benfiquista: o Sport Castelo Branco e Benfica, mais tarde A. Desportiva de Castelo Branco.

Há um ano no popular clube campeão latino e nacional, poderia ter já buscado outros rumos, na ânsia de se evidenciar. E cremos que essa atitude, se a tomasse, encontraria a compreensão de todos os benfiquistas. Não seria ditada pelo mais legítimo dos direitos humanos. E o próprio facto de Cesário ter que esperar, a aguardar.

A verdade, porém, é que o nosso entrevistado de hoje possui no mais elevado grau o sentimento da dedicação pelo Benfica, e quer aguardar a sua oportunidade. Ele próprio no-lo disse:

— Vim para o Benfica porque sou benfiquista, e pelo desejo de envergar a camisola rubra. Se não fosse isso, continuaria em Castelo Branco, representando o clube que resultou da fusão da filial do Benfica com outras colectividades. É evidente que me teria sido muitíssimo grato chegar, ver e vencer. Mas como não trouxe esse pensamento, e sou jovem, acho que posso aguardar calmamente a minha oportunidade.

E a sintetizar as suas declarações, Cesário rematou:

— Antes quero ser titular na equipa do Benfica quando tiver de sê-lo, do que ser, desde já, «astro» de um clube cuja camisola eu não envergue com o firme desejo de a «esentir» com amor.

Averçada esta declaração, decerto grata ao espírito de todos os bons benfiquistas, entrámos directamente no interrogatório da praça.

— Quando começou a jogar futebol?

— Aos 15 anos, num campeonato escolar. Alinhei na equipa da Escola Comercial de Pedro Nunes, onde estudava, e nunca mais deixei de sentir a atração do futebol. Depois, comecei a jogar no Sport Castelo Branco e Benfica, mais tarde Associação Desportiva por fusão, e ali me conservei até 1948/49, passando então para o Benfica.

— Sente as suas faculdades diminuídas, pelo facto de poucas vezes alinhar em jogos de competição?

— É evidente que os jogos me fazem falta. Todavia, treino três vezes por semana, sempre a procurar seguir o mais fielmente possível as proveitosas lições que recebo de «mister» Smith e do sr. Cândido Tavares, e não creio que a minha «forma» seja má. Além disso, faço uma vida regrada, sem excessos de qualquer espécie, e espero assim cumprir o melhor possível sempre que seja chamado a jogar.

— Quando se estreou no Benfica?

— Num jogo particular, em Sacavém, contra o Sacavenense.

— E esta época...

— Espero alinhar, também. E sempre que for chamado a cumprir o meu dever de jogador disciplinado, hei-de pôr a minha vontade de benfiquista ao serviço do meu clube.

— Estranhou a transição, quando jogou no Benfica pela primeira vez?

— De início, tive que lutar contra algum nervosismo, compreensível para um novato que vem da provincia. Mas depois, aclimatou-me, e joguei à vontade. Tão à vontade, que fiz um dos melhores jogos da minha carreira.

— Conserva recordações agradáveis, dos jogos em que tem participado?

— Jogar, é para mim um prazer, razão por que todas as partidas de futebol me são lembrança querida. Até mesmo quando o resultado do prélio é desfavorável à minha equipa — como sucedeu em Viseu, contra o Académico, no primeiro jogo oficial que fiz — faço por esquecer a derrota, e lembrar a correcção dos intervenientes na luta. Todavia, há desafios que se gravam mais no espírito, e eu recordo com saudade um jogo em Coimbra, contra o União, que vencemos por 2-1, com um golo meu. E recordo-o mais, porque toda a gente de Castelo Branco descreia do nosso comportamento.



Quando, no final da época de 1949/50, o Benfica foi esmagado nos campos de Gostivô, vitórias depois Castelo Branco e Gouveia. E Cesário foi, então, integrado na equipa. Aqui o vemos em Castelo Branco, sua terra natal, com a camisola que ele prefere.

- Se tivesse que abandonar o Benfica, qual o clube que preferiria?
- Ser-me-ia muito dolorosa a separação da camisola benfiquista. Entretanto, a ter que a abandonar de vez, só alinhar na Académica de Coimbra. Sou estudante, e admiro muito a equipa da «Briosa».
- E dos companheiros de futebol, quais os que mais admira?
- No Benfica, admiro todos. Dos outros clubes, sou admirador de Travassos, Joaquim e Bentes.
- Já tinhamos elementos de sobra para esta «representação». Por isso encerrámos o colóquio. Os leitores ficam conhecendo mais um jogador de futebol, e nós cumprimos o dever que nos impuzemos.

ROSA DE MATOS

Teóricos da Académica — Da esquerda para a direita: dr. Júlio da Fonseca (Fera), cap. Pina Cabral, Dr. Jorge Moura Marques e dr. Amaral

Stadium em Coimbra

OS TEÓRICOS do Futebol

SE consultarmos um dicionário verificaremos que a palavra **TEÓRICO** tem o seguinte significado: — indivíduo que conhece cientificamente os princípios de uma arte.

Pois no futebol também existe esta espécie de indivíduos.

Mas, comecemos de outra maneira este breve artigo.

★

Houve quem chamasse ao futebol o pão espiritual de um povo.

Se analisarmos bem esta expressão, veremos que o seu sentido não é de todo exagerado.

De há muito que o futebol passou a ser uma necessidade para a gente moça e, vamos lá, para elevado número de pessoas idosas.

Do mais humilde dos trabalhadores, ao das mais altas atribuições, aquele desporto serve de distração espiritual que faz pausa às vidas cotidianas de cada um.

Num campo de futebol en-

contram-se indivíduos de todas as condições e classes. Porém, eles se irmanam no mesmo entusiasmo, discutindo, entre si, as diferentes fases do prélio a que assistem.

E, por isso, podemos afirmar que o futebol, hoje em dia, tem grande influência sob o ponto de vista social.

Além de ser uma festa comum, o jogo da bola, é fonte de amizades, é base predominante para a solidariedade humana, é, repetimos, um campo largo para a recreação e consolação do espírito que, muitas vezes, serve para justificar uma existência.

Por tudo isso o futebol prende e arrebatava.

Dele fazem parte vários elementos. E, porém, ao público que nos queremos referir.

Mas quem o não conhecerá? Sim! Quem não conhece esse público grande e confederado de mil tardes desportivas, esse público que, incitando os seus favoritos, os leva, por vezes, a triunfos inesperados?!

(Continua na pág. 7)



O concurso de prognósticos do Campeonato Nacional de Futebol, complemento da Taça Popular por votação, instituída pelo Governo Civil de Lisboa, continua a despertar muito interesse. O prémio da 2ª jornada (832\$00) foi ganho pelo sr. Mário Correia, acertando em 4 resultados, que aqui vemos a receber o prémio que lhe é entregue pelo jogador Mário Rebelo, tendo a seu lado o sr. Eduardo Caldeira

As restrições em Inglaterra

obrigam os clubes a comprar em segunda mão as equipas



O regime de restrições em Inglaterra a muito obriga os clubes e até mesmo os dirigentes da Associação de Futebol. Suscitou-se, agora, um incidente engraçado.

A falta de lá é notória na Velha Albion e em consequência disso os clubes tem tido enorme dificuldade para conseguir equipamento para os seus jogadores. Como se sabe os futebolistas da equipa nacional guardam sempre como recordação o equipamento e como a nova campanha internacional vai efectuar-se em breve, a Liga Recossesa pediu, portanto, a todos os internacionais que devolvessem os equipamentos que tinham guardados visto que aquele organismo não tem possibilidades de adquirir novos equipamentos. Tommy Walker, só à sua parte, vestirá uma equipa inteira.

ARMAS E MUNIÇÕES
A. MONTEZ
 P. D. JOÃO DA CAMARA, 3
 Telf. 25731 — LISBOA

A VITÓRIA DO SINTRA

Um resumo das 3 categorias

CONCLUIU-SE o 28.º campeonato do sul de hóquei em patins, com triunfo (pela primeira vez) do Hóquei Clube de Sintra, de este modo conquistou o seu segundo título, pois é campeão de Portugal. Nos anteriores torneios registaram-se os vencedores seguintes: 1921/22 a 1924/25 (quatro primeiros anos) — *Hóquei C. P.*; 1925/26 a 1931-33, 1934 e 35 (nove anos consecutivos: recorde) — *Benfica*; 1936 e 37 — *Futebol Benfica*; 1938 — *Benfica*; 1939 — *Sporting*, 1940 a 42 — *Futebol Benfica*; 1943 e 44 — *Paço de Arcos*; 1945 — *Futebol Benfica*; 1946 a 49 (quatro anos seguidos) — *Paço de Arcos*. Em suma: *Benfica*, 10 vezes campeão (nove consecutivas); *Paço de Arcos* e *Futebol Benfica*, 6; *Hóquei C. P.*, 4; *Sporting* e *Hóquei de Sintra*, uma cada um.

Se o *Paço de Arcos* — campeão nos últimos quatro anos — tivesse podido conservar o título, deixaria a companhia do *Futebol Benfica* no somatório de campeonatos ganhos, mas, assim, continuam ambos em igualdade — cada um deles com menos quatro vezes do que o recordista.

A tabela de classificação em turmas principais, anotando-se os pontos das primeiras voltas, ficou estabelecida do modo que segue:

J. V. E. D. Golas P.

Sintra	18	15	1	2	113-44	49	(23)
P. Arcos.....	18	14	1	3	126-47	47	(23)
Benfica.....	18	13	1	4	96-49	45	(22)
F. Benfica...	18	10	2	6	83-54	40	(22)
C. Ourique...	18	10	2	6	77-82	40	(21)
Oeiras.....	18	9	2	7	76-82	38	(16)
Académica...	18	6	2	10	63-107	32	(16)
Cascais.....	18	4	14	46-93	26	(13)	
Paredes.....	18	3	11	42-82	22	(11)	
Ateneu.....	18	—	—	18-25-11	18	(9)	

744

É curioso verificar — o que constitui sintoma evidente de regularidade — não ter havido alteração na posição dos seus correntes, desde o metade da prova até seu termo; mas note-se a melhoria dos sintrenses, benfiquistas (em relação ao Campo de Ourique) e oeirenses, assim como a excelente segunda volta do Paredes. De três grupos de dois (*Sintra-P. Arcos*, *Benfica-F. Benfica* e *Oeiras-Académica*) a igualdade, a meio do torneio, passou-se, no final, a um só: *Futebol Benfica-Campo de Ourique*. Isto significa que a segunda volta foi mais desinvelada do que a primeira — o que, de resto, não admira, pois era... a corrida para o título! Que veio afinal a perturbar o equilíbrio, o equilíbrio, sem necessidade do almejado desempate, liquidada a «questão dupla» por um terceiro, em vista da vitória do *Benfica* em *Paço de Arcos*.

Para o *Sintra*, vão, evidentemente, todas as felicitações pelo triunfo alcançado. Mas não que o *Benfica* — que foi, o «desmancha-prato»; ebe-lhe a glória (e não pequena) de ter sido a única equipa a bater os campeões de há quatro anos consecutivos e ainda de ter ganho — o que somente o *Futebol Benfica* pôde fazer — aos vencedores do campeonato! Dir-se-á, em última análise, que ao *Benfica* pertenceu o papel principal no torneio, até porque tirou aos aficionados do hóquei em patins de rodas a possibilidade de uma finalíssima entre os rivais de hoje. Mas a luta não acabou ainda! Porque o campeonato nacional vai ser a continuação... Quem sabe qual o desfecho? O *Sintra*, claro, deve estar ansioso por que se repita a façanha de 1943; mas tanto o *Paço de Arcos* como o *Benfica* esperam a oportunidade e estão alerta... Teremos (neste caso o do *Benfica*) novo campeão; ou o *Paço de Arcos* regressa ao conjunto, porém, os jogadores? De qualquer modo, porém, o *Hóquei de Sintra* terá de trabalhar muito para conservar o título tão brilhantemente ganho no ano passado.

Em categorias secundárias, ficaram campeões, respectivamente, *Hóquei de Sintra* (2.ª), *Paço de Arcos* (3.ª), *Benfica* e *Benfica* — tal como sucedeu em turmas principais — coube também papel de relevo, classificando-se em segundo lugar nas duas categorias, e, o que é mais, conquistando o maior número de pontos, na totalidade de companhia com os sintrenses. No conjunto, porém, os encarnados sobrepunham todos. Temos: *Benfica*, 125 pontos (45+48+32); *Hóquei de Sintra*, 123 (49+52+22); *Paço de Arcos*, 121 (47+41+33); *Futebol Benfica*, 115 (40+46+29); *Sp. Oei-*

ras, 97 (38+37+22); *Académica*, 80 (32+35+13); *Cascais*, 66 (26+26+14). Com duas categorias apenas: *Campo de Ourique*, 67 pontos (40+27); *Paredes*, 53 (25+28); *Ateneu*, 37 (18+19).

Classificações em categorias inferiores: Segundas — *Hóquei de Sintra*, 52 pontos; *Benfica*, 48; *Futebol Benfica*, 46; *Paço de Arcos*, 41; *Sp. Oeiras*, 37; *Académica*, 35; *Paredes*, 28; *Campo de Ourique*, 27; *Cascais*, 26; *Ateneu*, 19; *Terceiras* — *Paço de Arcos*, 33 pontos; *Benfica*, 32; *Fut. Benfica*, 29; *Sintra* e *Oeiras*, 22; *Cascais*, 14; *Académica*, 13.

Resultados da segunda volta no torneio principal, anotando-se, entre parêntesis, o marcador do primeiro turno: 1.ª jornada — *Benfica-Sporting* de *Oeiras*, 7-4 (3-2); *Campo de Ourique-Paço de Arcos*, 1-5 (0-7); *Cascais-Académica*, 3-0 (2-5); *Hóquei de Sintra-Futebol-Benfica*, 4-1 (1-5); *Paredes-Ateneu*, 5-1 (2-5); 2.ª jornada — *Sintra-Paredes*, 2-3 (4-1); *Ateneu-P. Arcos*, 1-12 (1-16); *C. Ourique-Benfica*, 2-1 (2-5); *F. Benfica-Paredes*, 9-2 (4-2); *Oeiras-Cascais*, 8-1 (5-2); 3.ª jornada — *Benfica-Ateneu*, 12-1 (6-2); *C. Ourique-Oeiras*, 4-5 (5-1); *P. Arcos-F. Benfica*, 7-1 (5-2); *Paredes-Académica*, 3-4 (3-5); *Sintra-Cascais*, 10-3 (4-2); 4.ª jornada — *Académica-P. Arcos*, 2-13 (2-13); *Ateneu-Oeiras*, 2-4 (1-7); *Benfica-F. Benfica*, 5-3 (3-3); *Cascais-C. Ourique*, 1-4 (3-8); *Paredes-Sintra*, 3-8 (0-8); 5.ª jornada — *Benfica-Académica*, 6-4 (3-4); *C. Ourique-Ateneu*, 13-3 (7-1); *Oeiras-F. Benfica*, 2-1 (7-8); *P. Arcos-Sintra*, 3-3 (0-3); *Paredes-Cascais*, 4-2 (0-5); 6.ª jornada — *Académica-Oeiras*, 6-3 (3-3); *Cascais-Ateneu*, 7-1 (5-2); *F. Benfica-C. Ourique*, 3-3 (2-3); *Paredes-P. Arcos*, 2-4 (0-8); *Sintra-Benfica*, 6-2 (3-5); 7.ª jornada — *Académica-C. Ourique*, 3-3 (4-10); *Ateneu-P. Benfica*, 2-4 (0-3); *Oeiras-Sintra*, 1-4 (2-6); *P. Arcos-Cascais*, 6-1 (9-3); *Paredes-Benfica*, 2-5 (4-9); 8.ª jornada — *Académica-Ateneu*, 7-3 (5-4); *Cascais-F. Benfica*, 1-4 (1-6); *P. Arcos-Benfica*, 1-2 (1-6); *Paredes-Oeiras*, 3-3 (0-10); *Sintra-C. Ourique*, 13-3; 9.ª jornada — *Oeiras-Sintra*, 0-3 (0-10); *Benfica-Cascais*, 11-1 (6-3); *C. Ourique-Paredes*, 4-1 (3-1); *F. Benfica-Académica*, 11-3 (8-3); *Oeiras-P. Arcos*, 0-2 (5-8).

Para complemento, citem-se as seis melhores «marcas», nas três categorias, que foram as seguintes: Em 1.ª, *Paço de Arcos-Ateneu*, 13-2 (duas vezes); *P. Arcos-Ateneu*, 12-1; *Campo de Ourique-Benfica* e *Sintra-C. Ourique*, 13-3; *Benfica-Cascais*, 11-1; *Hóquei de Sintra-Ateneu* e *Sp. Oeiras-Paredes*, 10-1. Em 2.ª, *P. Arcos-Ateneu* e *Oeiras-Paredes*, 16-0; *P. Arcos-C. Ourique*, 15-3; *Oeiras-Paredes*, 15-1; *P. Arcos-Ateneu*, 14-1; *Benfica-Ateneu*, 13-1; *Sintra-Paredes*, 12-0. Em 3.ª, *F. Benfica-Cascais*, 11-1; *P. Arcos-Académica*, 7-0; *Benfica-Académica*, 6-0; *P. Arcos-Sintra* e *P. Arcos-Académica*, 6-1; *P. Arcos-Sintra* e *Oeiras-Académica*, 5-0; *C. Ourique-Oeiras*, 7-2. Recordes: 16-1 (*Paço de Arcos* *Ateneu* e *Oeiras* ao Paredes em 2.ª); 11-1 (*Futebol Benfica-Cascais* em 3.ª).

JORGE MONTEIRO



Preparem o vosso futuro

Dão-se todos os esclarecimentos neste Instituto.

CURSO PRÁTICO DE GUARDA-LIVROS, por correspondência em 42 semanas

Querem adquirir sólidos conhecimentos de Noções Gerais de Comércio, Correspondência Comercial, Contabilidade Geral, Escrituração Comercial, Industrial e Agrícola, pela insignificante quantia de 10\$00 por semana, conforme podemos comprovar em todo o País e nosso Império Colonial?

Dirijam-se por escrito a este Instituto e peçam grátis:

PROGRAMA - CIRCULAR



Grupo Académico do Bié — Eis um team de futebol que tem marcado boa posição, conseguindo até derrotar a Seleção A do Bié por 1-0. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Armando Leal, Amadeu Magalhães, Rui Teixeira, Julio Pimenta (Marcador do gol) e Silva Martins-Juleca. No segundo plano: Vasco Simão, Alcídio Mateus, Gli Veloso, Joaquim Reguinho, Antero Mateus e Rui Moura (capitão)

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

SUCESSO FORMIDÁVEL DO TRIO BARSÍ

ÉXITO GRANDIOSO DO BALLETT HELLIOS

Rosário Guerra ★ Rosa Estrela em bailes á guitarra

Mary Mely — Rosita Malaga — Olga Miranda — Perla Levante — Mary Arilla — Marissa Mar — Ana Maria — Pepita Alba — Maria Helena Lladós

DUAS ORQUESTRAS NOTURNOS e ARCADIA

O Voleibol é inarbitável

OS últimos torneios nacionais de voleibol, assinalados por frequentes incidentes de arbitragem, vieram confirmar a ideia de há muito firmada nos espiritos de muitos técnicos da modalidade, de que — a continuar assim — será dentro em pouco impossível dirigir um encontro.

O ponto crucial do desentendimento que se alastra é a interpretação da falta de transporte, por natureza mal definida e que cada árbitro julga a seu modo: demastado

complacentes, uns; rigoristas em extremo, outros. O meio termo, aquele meio termo onde reside a virtude é muito difícil de encontrar.

Em nosso parecer pessoal, o transporte deve ser assinalado sempre que a bola é acompanhada no gesto de impulsão pelas mãos do jogador, mas daqui a puzir — como fazem os nossos árbitros mais categorizados — todo o toque duvidoso, entrada baixa ou pancada apotada vai certa distância, que consideramos exagero nocivo para o progresso de voleibol.

As jogadas, constantemente interrompidas perdem beleza e o decorrer da partida fastidioso; o jogador, receoso e hesitante, retrai-se no ataque à bola e perde facilidades.

Concluímos, assim, ser indispensável uma unificação de critérios e a definição dos limites da jogada lícita e do transporte. O problema compete à Comissão Central de Árbitros.

Chamando para o caso a atenção dos interessados presta-se um bom serviço à modalidade pois, a continuar o actual estado de coisas, o voleibol cairá no caos: ou será impossível arbitrar um encontro, ou os jogadores passarão a não saber como jogar hoje e amanhã, cada vez sob moldes diferentes.

Por António Curado

(Continuação da pág. 5)

Que seria do futebol se não tivesse a emoldorá-lo essa massa fremente de paixões pelas suas cores preferidas? Que belo é um campo da bola, no mais acêso da luta, com aquela multidão atroando os ares com suas frases de incitamento!

Pois é esse público que forma o inegalável colorido dum espectáculo que se enraizou já na malor parte dos habitantes do Mundo. E, esse colorido, é vivo e contagioso, inebria e encanta.

E, como cunho da homenagem que lhe desejamos prestar, queremos deixar aqui gravadas as impressões de um espectador que, por si só, bem pode ser o exemplo vivo dessa massa anónima que vive, que agita, que se enerva, que se consome e adoece nas pugnas em que o seu grupo se debate.

Eis, pois, o cap. Pina Cabral que, apesar da sua alta mentalidade, apesar da sua situação privilegiada, é dos torcedores mais acérrimos, podendo ser considerado, sem receio de errar o maior Teórico da Académica de Coimbra.

Que ele nos perdê a ousadia destas considerações.

Mas, oíçamo-lo, com a devida consideração.

— Sr. capitão! Porque gosta tanto de ver jogar o futebol?

— Oh, rapaz, eu sei lá! Certamente que ninguém saberá explicar essa espécie de doença.

— Há quantos anos é adepto da Brlosa?

— Quase da sua fundação e já lá vão muitos anos.

Olha! Só me lembro que ainda tinha os cabelos todos pretos. Vê tu!

— Desculpe, sr. capitão. Como encara as vitórias da Brlosa?

— Com aquela alegria própria dos grandes momentos que sabem bem, que nos fazem sentir o orgulho de pertencer a um grupo que também sabe vencer. Neste capítulo todos devemos ser iguais. Não achas?

— Creio que sim. Não o estou a maçar?

— De modo algum, Curado. Que mais há?

— Diga-me, por favor, e as derrotas, como as sente?

— Não me fales nisso! Às vezes até penso que o ditado — ganhar sem altivez e perder sem azedume — não é bem a expressão adequada de cada um, no momento do descalabro de nossos desejos. Mas enfim...

— E uma pergunta de certo modo original e indiscret a Quantos cigarros fuma no desenrolar de uma partida?

— Essa agora! Bem, olha, se no jogo não entra a Académica, fumo normalmente, mas se a Brlosa está em campo, então, o número de cigarros aumenta na proporção dos ataques adversários... Só te sei dizer que, nessas ocasiões, se vai uma onça de tabaco.

— Quantos dias demora o aborrecimento por uma derrota sofrida?

— Oh, filho, isso não te posso dizer. Essas tristezas são cá comigo.

— Compreendo, sr. capitão. Por último, diga-me, como define o sabor de uma vitória?

— Olha que diabo! Talvez ao mais apetitoso pitéu que possa existir, ou, ainda, à sensação sentida por todo aquele que vê erguida, mas bem alto, qualquer coisa que idolatra e, no meu caso, a Associação Académica de Coimbra.

— Obrigado, sr. capitão! Que me desculpe toda esta indiscrição, mas bem sabe, entre os adeptos da Brlosa, é o senhor que, pela sua idade e amor ao desporto académico, melhor podia pôr termo à curiosidade que reproduzem as perguntas que lhe fiz.

★

Depois desta breve conversa, aquele expoente máximo dos TEÓRICOS de Coimbra, o venerando Capitão Pina Cabral, estava meditando...

Quem sabe, talvez pensasse num futuro, já próximo, e visse os seus encantadores netos, envergando a camisola negra da Brlosa, a tudo fazer para elevar, cada vez mais alto, o nome dessa Académica a quem ele tanto quer. Quem sabe se assim pensava?...

ESCOLA ACADÉMICA

A mais antiga escola particular do País — Fundada em 1847 — Condecorada com o grau de comendador da Ordem da Instrução Pública

INTERNATO-EXTERNATO

PALÁCIO CONDES DE PINHEL — L. do Conde Barão, 47

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

(Liceal, Comercial, ciclo preparatório e instrução primária)
SEXO MASCULINO

ATLETISMO

A ÉPOCA DE 1950 apreciada por SALAZAR CARREIRA

II = CORRIDAS DE VELOCIDADE

Os dez melhores do ano foram:

100 m.: Tomáz Paquete, 10,6 s.; Maia e Núnco, 10,8 s.; Mirei Dora, Graça e Eleutério, 11 s.; E. Pereira, Casimiro, Abreu, Rocha Brito e Nunes, 11,1 s..

200 m.: Paquete, 22,2 s.; Eleutério, 22,4 s.; Casimiro, 22,5 s.; N. Morais, 22,6 s.; Abreu e Maia, 22,7 s.; Graça, Almeida e Antunes, 23 s.; Figueira e A. Morais, 23,2 s..

300 m.: Casimiro, 36,5 s.; Mealha, 36,8 s.; A. Morais, 36,9 s.; Coutinho, 37,4 s.; Antunes, 37,6 s.; R. Mário e Moura, 38,4 s.; Fidalgo, 38,7 s.; R. Alves, 38,9 s..

400 m.: A. Dias, 50,5 s.; Casimiro, 50,6 s.; Natal, 51,7 s.; Matos Fernandes, 52,4 s.; A. Morais, 52,5 s.; Canhão, 52,6 s.; Figueira, 53,4 s.; Coutinho, 53,5 s.; J. Maia, 53,7 s. e Mealha, 53,8 s..

Médias dos dez melhores resultados: 100 m. 10,96 s., 854 p.; 200 m., 22,73 s., 789 p.; 300 m., 37,73 s., 680 p.; 400 m., 52,47 s., 741 pontos. Todas estas médias são superiores às de 1949.

Se a observação da lista que encima estes comentários nos deixa favoravelmente impressionados, um pormenor resalta e surpreende pela sua incoerência: a disparidade de valor entre os tempos dos 100 m. e das outras distâncias. Esta anomalia, que pela repetição anual passou a deixar de o ser, foi sempre explicada pela deficiência de treino dos nossos velocistas que não sabiam adquirir o fundo suficiente para manter a velocidade e o ritmo de passada que lhes asseguravam os tempos extraordinários dos cem metros.

Esta argumentação não colhe e, aceitando a competência dos cronometristas, temos de procurar algures a causa da incoerência. Como já tivemos ocasião de explicar, o motivo determinante deve ser procurado na pistola que usam os nossos juizes de partida, que não dá chama e quase não dá fumo, induzindo os marcadores de tempo num erro traduzível por duas décimas de segundo.

Temos um facto a apoiar a nossa doutrina: o Paquete que foi a Bruxelas não era já aquele maravilhoso corredor que fora creditado em julho com 10,6 s.; mas tal como o provara no Porto, no campeonato nacional, valia sempre 10,9 s. portugueses que, na Bélgica, se transformaram em 11,1 s., duas décimas a mais.

Em conclusão, precisa a nossa Federação de adquirir ou adaptar um pistoloço apropriado, que faça fogo com cartucho de pólvora negra, dando chama bem visível da meta. Depois, sim, merecerão inteiro crédito as marcas dos «crometristas» portugueses.

Nesta especialidade, o homem da época foi o benfiquista Tomáz Paquete, naturalmente rapidíssimo e em excelente forma: nos 400 m., Artur Dias e Ferreira Casimiro, no primeiro plano e, nos lugares de honra, Rui Maia, Eugénio Eleutério e Natal Santos. Nomes novos a destacar: Carlos Graça, José Mealha, José Figueira e João Coutinho.

Rui Maia, campeão ibérico dos 100 m. na ausência de Paquete, é corredor de ótima estatura, a quem faltam ainda alguns quilos no peso e cuja largada não corresponde à velocidade que desenvolve no final dos seus percursos. Fernando Casimiro, que melhorou num ano 2,6 s. nos 400 m., tem estofo para futuro recordista; ainda irregular, porque muito jovem, vemos nele o primeiro português a baixar dos 50 segundos.

Outra esperança a citar é Carlos Graça; descontraído por temperamento, rápido e cadenciado, transformar-se-á em breve num ótimo corredor de velocidade prolongada.

Encerremos a crónica com a referência a dois veteranos que se notabilizaram: Eleutério, campeão ibérico dos 200 m. e Artur Dias, campeão ibérico também dos 400 m.; este último perdeu, inexplicavelmente, a oportunidade de conquistar o recorde dos 500, duas vezes ao seu alcance se a prova houvesse sido preparada com cuidado e segurança.

ESCOLA DE MOTORISTAS

“António da Escola”

A maior organização do País

dirigida superiormente pelo seu proprietário “António Gabriel Jerónimo” (com a assistência técnica do Eng. SETTE PIMENTA)

SÉDE:
R. António Maria Baptista, 24
LISBOA
Telefone 42529



SUCURSAIS:
Évora — Trav. do Sertório, 26
—
MONTE-MOR-O-NOVO
P. da República (Auto-Rádio)

Oficina e Estação de Serviço — Rua Borges Gratinha, 15 — Telefone 44725 (à Rua da Penha de França)

SPORTING EM 1.º ISOLADO



Vasques recolhe um passe de Pacheco Nobre e marca o 4.º golo



Wilson tem um remate poderoso. Ernesto eleva-se hem, mas a bola bate na trave



Vasques, numa jogada predilecta, tenta vencer pela corrida o médio José Lopes



Fotos JOSÉ MONTEIRO

Wilson, que reapareceu como chefe do ataque leonino, numa jogada espectacular em disputa da bola com Morais



Uma jogada cheia de movimento junto das balizas do Atlético da qual resulta intervenção de Ernesto, e Wilson destroçado. Estão também no lance Pacheco Nobre e Armindo

PARA O SEU GARRO, AUTO SANTA MARTA

BENFICA NA SUA "MEDIDA" DE JOGO



Uma atitude de Cesário!



Fotos AMADEU FERRARI

Cesário livra-se com oportunidade de Arsénio e defende mais uma vez por alto



O guarda-redes do Sporting abaga capta a bola no preciso momento remate de Aguas. António Marques assiste ao lance



Cesário, mais uma vez, entre suas defesas, capta a bola por alto. Mas como centro-dianteiro do Benfica (Aguas) vinha a caminho...



O lance desenvolveu-se! Aguas, Cesário e Moreira observam o desfecho da jogada



Quase no fim da partida, o centro-dianteiro Aguas marca um golo (8.º) do mais belo efeito! Melão, após uma iniciativa, passa a bola por alto e Aguas faz-se ao lance e, num golpe de rins, consegue enfiá-la nas balizas

ESTORIL AFIRMA CAPACIDADE



Fotos: ROLAND OLIVEIRA



Larangeira salta à bola, apesar do fortemente carregado por Vicente

O centro-dianteiro do Oriental disputa a bola à defesa do Estoril. Larangeira está atento



França segue o movimento da bola, mas o defesa adversário antecipa-se com êxito e afasta o perigo



Pina, em jogada de combinação, marca a primeira bola da partida. Há alegria num lado e tristeza no outro

SERÁ CAMPEÃO DA BOLA TOMANDO "VITACOLA"

BOM TRABALHO

Os principais clubes lisboetas onde se pratica o atletismo começaram já com os seus torneios semanais reservados aos simpatizantes, campo de recrutamento dos novos praticantes.

Este processo é muito antigo no nosso meio, mas tais concursos, tinham lugar, antigamente, no início da temporada, o que impedia praticamente a preparação dos novos recrutados para a mesma época.

Salvo improvável engano, foi o Sporting o primeiro clube a deslocar o período de realização dos torneios de simpatizantes para o final da temporada, de maneira a aproveitar todos os meses de inverno para sua preparação.

Este critério hoje adoptado igualmente pelo Benfica e pelo Belenenses, pode considerar-se uma das mais eficientes causas do alto nível dos resultados nos campeonatos de principiantes nestes últimos anos.

O assunto é digno de ser cuidado com muita atenção e este procedimento dos clubes clássicos do atletismo da capital, bem podia ser seguido por muitas mais colectividades que lucrariam incluindo o atletismo entre os desportos praticados e trariam ao atle-

tismo grandes benefícios adoptando-o.

É por aqui que logicamente precisam de começar. Uma equipa de juniores e seniores, não se inventa de um momento para o outro; mas núcleos de aspirantes ou principiantes preparam-se em igualdade de circunstâncias nos clubes veteranos ou nos clubes incipientes. É mera questão de trabalho competente, de assistência e de esforço de recrutamento.

Não são apenas o Sporting, o Benfica e o Belenenses que gozam em Lisboa as condições requeridas; outras organizações possuem largas zonas de influência, matéria prima abundante. Falta-lhes querer, que é, afinal, talvez o mais difícil.

BOTAS DE FUTEBOL

Fabricadas com material de 1.ª qualidade. O melhor fabrico aos melhores preços. Equipamentos completos. Comissolas e meias em cores garantidas

Facilidade nos pagamentos aos Clubes

Antes de comprar vejam os nossos artigos e preços

CASA DESPORTO
RUA DA MADALENA, 106

O adeus de MANECAS

(Continuação da página 3)

Volvidos tantos anos, ainda hoje não se conforma, com tão flagrante falta de sorte, o popular Manecas.

Capitão da equipa B de Portugal que derrotou a equipa espanhola B, na Corunha, em 20 de Março de 1949, atingiu a quarta internacionalização. Perdeu o jogo muito mal, conforme o declarou à imprensa do país vizinho. Derrotou as turmas famosas do Lille por 8-2, do Norkoeping por 8-2, do A. I. K. por 4-1 e do Anderlecht pelo mesmo resultado, entre outras. Deslocou-se ao estrangeiro e acompanhou o Sporting à Suécia, nação de sonho e de encantamento.

Af perdeu desafios que deveria normalmente ter ganho e venceu outros que merecia ter perdido. Mas o futebol é assim mesmo. Ao fim e ao cabo, só se ganham emcontros marcando golos!

A última temporada: 1949/1950

Nesta temporada, venceu a «Taça de Honra» da A. F. L. e também, em desafio amigável, a turma alemã do Hamburger S. V. Deslocou-se à Madeira e extasiou-se na contemplação daquela maravilhosa parcela de território pátrio. Continuou a jogar com o mesmo entusiasmo, até que em 18 de Junho deste ano, considerou terminada a sua vida de jogador após o encontro contra o Sporting Club de Abrantes, filial leonina.

Um jogador com responsabilidades tem o direito e o dever de ceder o lugar aos novos antes que seja tarde, antes que sejam os sócios e adeptos do clube a exigirem-no. Não quero dizer com isto que me considere velho, por ter 33 anos, ou que me sinta incapaz de continuar a jogar por falta de recursos, não. Entendo, porém, que 18 anos de actividade, sempre no mesmo clube, já é bastante. Tenho direito a sair de pé e de bem com a minha consciência, — declarou com certa emoção, Manuel Marques.

A sua folha de serviços é brilhantíssima e digna de registo. Disputou 599 desafios, sendo em 1.ª categorias 468; em reservas 54; em 2.ª categorias, 16; em 3.ª categorias 2; em infantis 5; internacionais, 4; inter-regionais, 4 e particulares 46. Foi campeão por 21 vezes sendo: de Lisboa em 2.ª categorias 1; em reservas 1; em 1.ª, 7; da Taça de Honra 2; da Taça de Portugal, 4; campeão de Portugal, 1; Campeão Nacional, 5; vencedor da Taça Império e suplente por 9 vezes à Seleção Nacional.

O adeus de Manecas por intermédio da «Stadium»

Manecas, confessa que deve tudo ao futebol e que nesta hora da abalada, por intermédio da Stadium, se despede de todos os seus amigos e admiradores, expressando-lhes a maior gratidão. Que não esquecerá jamais o bom público, — a alavanca impulsionadora do desporto, — a quem deve inúmeras atenções e constantes incitamentos pelo que do

coração lhe agradece; à imprensa e à Rádio pelo carinho e consideração dispensados; à Direcção Geral dos Desportos, Associações, Federações e Clubes, pela forma gentil como sempre o acolheram; ao Sporting Club de Portugal, o único clube que representou, a mais sentida saudade e reconhecimento tanto à Direcção actual como às outras que a antecederam e com quem serviu; um muito obrigado, sincero a toda a família leonina; e aos jogadores leoninos um apertado abraço, extensivo a todos os camaradas de luta espalhados pelo Império Português! Por último pede a todos lhe relevem qualquer má palavra ou gesto impensado.

Esta, a taças largas, a magnífica carreira do jogador sportinguista que no dia 5 abandonará o futebol! Stadium, vaticina-lhe os maiores êxitos e venturas na sua vida particular.

— F I M —

OS JOGADORES DO ARSENAL REVOLTAM-SE!



OS jogadores profissionais do Arsenal, que são ao todo cerca de uma centena, recusaram renovar a sua filiação na União dos jogadores ingleses que é uma espécie de Sindicato e que conta cerca de 3.000 membros filiados.

Os profissionais do Arsenal, numa acção de guerra, declararam que se recusavam a aderir, esta época, à União, enquanto esta não modificasse o seu género de actividade. A revolta está a influir no espirito dos outros membros, pondo em perigo o prestígio da União. Declara-se mesmo que a guerra aberta contra a União por parte dos jogadores do Arsenal, é motivada pelas deslocações de alguns jogadores ingleses para clubes estrangeiros, nomeadamente da Columbia e ainda por não estarem de acordo no aspecto financeiro da questão. Os jogadores não desejam ver companheiros de jogo noutras equipas que não sejam as da velha Albion.

Mestres com mestres... e contas são contas...

Conte em imagens a graça e a vida exuberante de seus filhos, usando Lumière.

Nem o fantasma



nem a inveja

CONSEGUEM AGARRAR

ciclolo
DUCATI

48 cm.³ de cilindrada

CONCESSIONÁRIOS:

SOC.COM: MICROMOTOR, L.^{DA}

Largo do Mastro, 29, 3.º Tel. 43983 - Lisboa

A DEFESA DO XADREZ CLÁSSICO



O GINÁSIO CLUBE PORTUGUES NO BRASIL — O Clube Ginástico Português, florescente e importante associação desportiva da capital do Brasil, convidou o Ginásio Clube a fazer-se representar nas grandes festas do seu 82.º aniversário por dois ginastas e um director. Tão honrosa distinção para o «velho Ginásio» é, também, uma oportuna atenção ao desporto português e cabe salientar que o G. C. P. entregou a representação a dois dos seus mais brilhantes atletas, *Hernani Jardim e Garcia Alvarez*, dos quais publicamos uma fotografia.

PASSEIO FLUVIAL

Realizou-se no último domingo, sob organização de um grupo de desportistas, um magnífico passeio fluvial a Vila Franca de Xira, tendo sido completo o êxito alcançado pelos organizadores. Dançou-se animadamente a bordo, e os excursionistas tiveram oportunidade de assistir a uma tradicional espera de toiros.

Agradecemos os convites que nos foram enviados.

Guarde as embalagens Lumière, porque lhe reservamos concursos e prémios.

Aprenda Rádio

No nosso curso por correspondência que lhe oferece ferramentas, Laboratório Portátil e Material de Rádio

e ainda Aulas Práticas na nossa Oficina

Peça folhetos grátis a **RÁDIO ESCOLA**

Apartado 81 — Norte

Sede, Laboratórios e Serviços Técnicos:

R. Alves Torgo, 103-2.º E. LISBOA

NÃO tenho a velocidade de supôr que a minha opinião sobre a «Partida Livre» interesse a alguém! Mas porque desejo salvaguardar a minha posição, como xadrezista, no assunto que motivou a entrevista com Costa Moreira publicada no número anterior e ainda porque me move o intuito de fazer «crítica construtiva», venho por isso trazer para a questão o meu depoimento.

Sou adversário da «Partida Livre» e lastimo que a actividade do seu autor em prol da difusão do Xadrez na nossa Pátria seja ofuscada pela preconização de um sistema fantasista que lhe tira uma das suas maiores virtudes: a técnico-teoria das aberturas.

Lastimo mas não me insurjo. Felizmente, e disso nos congratulamos, a propaganda de Costa Moreira tem criado inúmeros cultores do nobre jogo. E mais vale isso do que nada.

Não interessa a forma por que atralu esses novos xadrezistas. Interessa, sim, vê-los praticar, em número e qualidade, o Xadrez tal como é reconhecido pela Federação Portuguesa e pela Internacional, e o qual se joga em todos os países.

Esses jogadores sabem melhor que ninguém que só conseguiram impor-se — e talvez aprender toda a maravilha deste jogo — depois de recorrer aos «livros» e enveredar pelos caminhos clássicos do velho Xadrez de Copablanca e Alekhine.

Só os «livros» podem mostrar-nos a vitalidade do Xadrez, como jogo, arte e — permitam-nos o termo, de que fazemos uso num sentido limitado — ciência, também.

O que a «Partida Livre» oferecia a esses jogadores que começaram por esta modalidade, era apenas um passatempo.

Repetidas vezes, Costa Moreira tem apresentado a sua inovação com essa mesma característica — a de passatempo — sem o preocupar a questão técnica, por ser contrária ao «Xadrez de torneio». Ou por outras palavras: Costa Moreira é de opinião que quatro e cinco horas de xadrez (horário de uma sessão de torneio) são demasiadas por anti-higiénicas.

Sugere, por isso, um ritmo de 25 lances por hora (a regra oficial, nos nossos torneios é de 36 lances em duas horas, para cada jogador) o que é impossível em partidas de responsabilidade, e nas quais se procure elevado nível técnico. Portanto, aquele ritmo, muito certo nos torneios corporativos em que não se ambicionem primores técnicos, jamais poderá vingar, tanto mais que a tendência é exactamente para aumentar (45 lances em duas horas e meia de jogo).

Ora o Xadrez, como simples passatempo é uma etapa fácil, com todo o prestígio o nível técnico da modalidade. Praticá-lo como desporto autêntico,



VASCO SANTOS, jogador de categoria, e estudioso profundo do Jogo — Ciência, disputando uma partida de campeonato

sim, é o género que interessa fomentar.

Reformar o Xadrez, formidável nos seus múltiplos aspectos de jogo pacato, desporto intelectual e fonte para investigações técnico-teóricas, sucedendo-lhe uma modalidade com modestas pretensões de «passatempo», embora rico de variedade e herdeiro directo da beleza estratégica do «xadrez uniforme» é uma ideia que não vemos como poderá vingar!...

★

Diz Costa Moreira que a forma actual do Xadrez data apenas do Século XV, e que foram Lucena, Ruy Lopez e o nosso compatriota Damião de Odemira os reformadores e introdutores dos movimentos de Bispo e Dama da actualidade.

Mas não há comparação possível entre aquele reflexo de evolução e a tentativa de inovação dos nossos dias. Que diferença entre o estado de Técnica há quatro séculos e o colossal desenvolvimento dos estudos e nível técnico do Xadrez contemporâneo!

Há quatrocentos anos, os xadrezistas não possuíam a menor noção da teoria do jogo nem sequer sonhavam com os ilimitados horizontes que esse estudo viria a rasgar, para enriquecimento do Xadrez.

É natural que a reforma se tivesse efectuado sem quase se dar por ela — com o correr das décadas e sem imprensa a agitar o problema... Aliás, que património deixaria a forma antiga do jogo? A moderna, a que jogamos hoje, com quatro ou cinco séculos de existência, essa, sim, se desaparecesse legar-nos-ia o património que representa a sua incomensurável bibliografia, parte da qual dedicada ao estudo das melhores maneiras de iniciar e orientar o jogo.

A este conhecimento — que evidentemente não poderia permanecer despercebido à inteligência do homem — Costa Moreira chama «estudo memorístico das aberturas». É, se-

gundo o autor da «Partida Livre», o mais grave defeito do xadrez do nosso tempo.

Sê-lo-á para ele e para muitos outros. É naturalíssimo.

Para mim, é um dos predicados que mais dignifica este jogo. É exactamente aquele que lhe confere certo fundo científico, por se apresentar sob o tipo de fórmulas de bem jogar.

É a parte do xadrez que mais aproxima o «principiante» do «mestre». No meio da partida ou no final, a classe do «mestre» é, para o «principiante», intangível. Numa abertura conhecida, em competição com um «mestre» ou analisando-lhe uma sua partida, o «principiante» estudioso sente-se menos diminuído, talvez estimulado, porque nalguma coisa os seus conhecimentos do jogo se aproximam dos dos «ases»...

Argumentam os adeptos da «Partida Livre»: não haver mérito nisso; o «principiante» limita-se a copiar o que se recorda ter visto fazer aos outros!

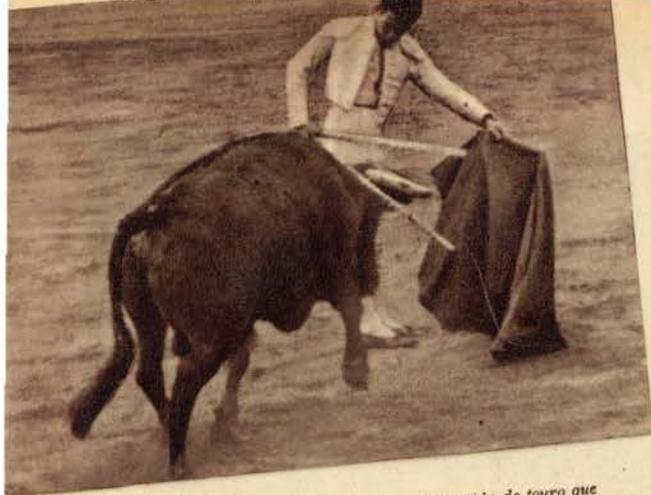
Depende dos casos — é a minha opinião. Depende sobretudo do grau de conhecimento — se de simples recordação das jogadas recomendadas no tratado, se da assimilação dos princípios teóricos das linhas de jogo em questão. O estudo sómente memorístico, não tem, de facto, o menor valor teórico; mas tê-lo-á se, se o adversário responder imprevisivelmente, nós tivermos a imaginação suficiente, baseada no estudo teórico, para continuar jogando adequadamente.

Isto sim, tem mérito, e muito.

Além disso, a pedagogia das aberturas incute o gosto pelo estudo analítico de «posições» e partidas jogadas entre jogadores de categoria — factor de progresso técnico, que na «Partida Livre» se acha prejudicado pela impossibilidade de estudar as suas milhares de aberturas.

VASCO SANTOS

BARREIRA DE TEMAS TAUROMAQUICOS



Manuel dos Santos aguentando com a esquerda a acometida do touro que já vem arrancando de longe



e marcando a saída, girando bem no movimento da cintura e do braço, correndo bem a mão



Mas começou a chover, e Manuel descalçou as sapatilhas para não escorregar, e acerrou-se do touro que não investia

OS PRIMEIROS:

Um português e um sevilhano

toureiros se resolvem diante dos touros.

Por sua vez o «apoderado» de Manuel dos Santos, André Gago, compreendendo que a nossa intervenção fora motivada apenas pelo natural interesse por um compatriota, expôs-nos depois, em Lisboa, o seu plano. E era ele o de fazer chegar Manuel dos Santos ao primeiro posto da «toreria», dado o conhecimento que já tinha das suas possibilidades em corridas de Espanha e na América.

Acreditámos na sinceridade das suas palavras — e não tivemos que nos arrepender — mas duvidámos ainda do triunfo absoluto do plano — e aqui vimos agora confessar o nosso erro, e muito gostosamente.

Manuel dos Santos, estrangeiro em Espanha e no México, castigado por mais duma colhida grave, forçado a interromper uma época triunfal para ser operado aos joelhos, vai ser em 1950, com o sevilhano Manolo Gonzalez, o primeiro em número de corridas. E não só em quantidade como também em qualidade, em valentia provada nas principais Feiras de Espanha, em arte reconhecida pelas melhores firmas da crítica e da «aflicção», sobretudo, em pundonor, resolvendo ante os touros as questões que só assim se resolvem, como dizia aquele toureiro modelo de pundonor que também se chamou Manoel; «Manoete».

ROGÉRIO PEREZ



MANUEL DOS SANTOS triunfante nas principais Feiras de Espanha, está, com Manolo Gonzalez, o valoroso sevilhano, à frente de todos no número de corridas toureadas este ano. Isto, que é um facto, muito mais assinalável por se tratar dum português, deve ser motivo de satisfação para todos nós. Ninguém o poderia prever, há alguns anos atrás, e quem estas linhas escreve ainda em 1949 não supunha que tal viesse a acontecer. Assim como não temos querido passar por profeta deste toureiro, que até sofrer as colhidas da prova não julgávamos ser tão valente, assim queremos contar o que aconteceu acerca do número de corridas que supunhamos poder tourear.

Quando da Feira de Abril de 1949 em Sevilha, onde em 1948 o tínhamos visto tomar alternativa, circulava que determinada figura do toureiro, então «mandona», pusera o veto ao nosso compatriota. O pai da referida figura do toureiro explicou-nos que todas as dificuldades desapareceriam se Manuel dos Santos prescindisse do seu «apoderado», pois o conflito era com este e não com o toureiro.

Amigos nossos, que presenciaram a insistência com que se solicitava a nossa intervenção, aconselharam-nos a que tentássemos solucionar o problema que se apresentava ao nosso compatriota.

Como Manuel dos Santos não toureasse numa das corridas da Feira, e se sentasse a nosso lado no camarote da empresa, expusémos-lhe o caso tal como o desenhara o pai da figura que então mandava no toureiro. Manuel dos Santos ouviu-nos com muita atenção e deu-nos resposta pela qual o felicitámos porque foi a dum toureiro de pundonor, e dum homem digno.

Não prescindiria do «apoderado» com quem se comprometera, — disse-nos — e defenderia ante os touros os seus direitos, recordando que já «Manoete» dizia que as questões dos

31.º Aniversário do Belenenses



O Belenenses festejou com uma sessão solene o seu 31.º aniversário, a qual decorreu com assinalado brilho. Presidiu o sr. eng. Reis Gonçalves, tendo ao seu lado os srs. cap. Maia Loureiro, Francisco Mega e Jaime Franco. O nosso camarada Alberto Valente fez uma valiosa palestra sobre futebol. A sessão foi muito concorrida e a acção do Belenenses devidamente exaltada.

ESTA É A VERDADE

sobre o regresso tardio do pugilista Joe Louis!

mânico, a palavra dada, a sua qualidade de pretendente mais qualificado e subiu ao rectângulo de Comiskey Park, onde Joe Louis o fustigou, arrancando-lhe o título depois de uma luta breve e emotiva.

Desde essa época, os associados viveram à grande, empochando os dólares que Joe Louis obtinha com o suor do seu rosto. A situação tornou-se de tal modo agradável que os desejos de Gould e Braddock eram que o Bombardeiro de Detroit permanecesse invicto, durante muitos anos e bons.

Veio a Guerra, seguiu-se a Paz e a firma usufruiu das anteriores regalias. Mas, Joe Louis acabou por se aborrecer de trabalhar para o bem de outros, resolvendo abandonar o antigo modo de vida.

Como diz o poeta: Ai, adeus, acabaram-se os dias, em que, ditoso, vivi a teu lado! Tão pingue contrato perdeu validade, sendo necessário esquecê-lo de vez.

Agora, o admirável pugilista de Detroit imitando o gesto de Gould e Braddock, fez a mesma coisa com Ezzard Charles, isto é, chamou-o ao seio amantíssimo da empresa Internacional Boxing Clube, onde o mesmíssimo Joe

Louis pontifica, propondo-lhe a cedência do título, a troca de uma percentagem futura e permanentemente sobre os seus ganhos.

Mas a Comissão Atlética de Nova Iorque mostrou-se rebelde no reconhecimento do sucessor de Joe, ignorando-o resolutamente. Para a demover, eis que Joe Louis, em pessoa, resolve subir ao rectângulo combatendo o seu irmão de raça.

Toda esta série de conluios e acordos serão pouco desportivos. Em boa verdade, o pugilismo profissional só respeita a ética dentro das quatro cordas porque longe delas, o negócio prima sobre todas as outras razões.

E assim se explica o gesto do antigo campeão, desmentindo-se a si-mesmo. Ele que ainda não há muito, ao ser-lhe perguntado se regressaria à actividade teve esta «saída» pitoresca:

«Se me disser para combater de novo e que Tom Dewey vai concorrer pela terceira vez à presidência dos Estados Unidos as probabilidades são equivalentes!»

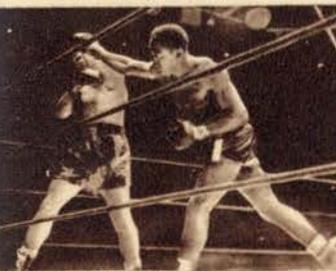
Ors, sabe-se que Dewey está politicamente queimado, no partido Democrático, mas a verdade é que Joe Louis voltou!

O mistério do boxe é uma esfinge sem segredos!

Joe Louis atinge duramente Ezzard Charles na ponta do queixo, mas este encaixa e revela grande resistência física. Ao fim de 15 assaltos, ele será o incontestado vencedor



Uma fase do 14.º assalto captado pela imagem com Joe Louis em perigo de «knock-out» — Na foto 1, Ezzard Charles, à direita, aplica um directo com a esquerda e prepara-se para dobrar com a direita. Na foto 2, Charles ao aplicar a direita, Joe Louis defende-se bem com a esquerda e desvia o golpe. Em 3 e 4, Charles procura atingir a cabeça de Joe Louis, mas este consegue evitar o golpe. Nas fotos 5 e 6 Joe Louis, bem castigado, apoia-se com a direita nas cordas, já «grugugiu», e com a outra mão cobre o estomago. O olho esquerdo de Joe Louis está completamente fechado. Ezzard Charles é declarado por unanimidade vencedor do combate.



JOE GOULD é um sujeito pequenino que se emprega na indústria de dirigir os negócios de vários pugilistas. Coube-lhe em sorte, vai para dez anos, o contrato de James J. Braddock, sucessor de Max Baer, campeão do Mundo de todas as categorias e provável adversário de Max Schmeling, uma vez que este abatera o temido Joe Louis, destruindo a sua invencibilidade.

Precisamente, quando o momento do choque, entre Braddock e o boxista teutónico, estava prestes a efectuar-se, Joe Gould recebeu do empresário Mike Jacobs uma proposta fantástica, pelo que tinha de surpreendente: O astucioso Jacobs garantia, à firma Braddock, Gould & Comp., uma percentagem fixa e permanente sobre todas as bolsas futuras de Joe Louis, caso lhe desse preferência sobre Schmeling, na disputa do emblema universal.

Ante a perspectiva risonha dos formidáveis lucros que adviriam de tal acordo, Braddock não hesitou. Esqueceu os direitos do pugilista ger-

Ciclomotorismo em Cascais



Bilton e Álvaro Ferreira, dois concorrentes à prova levada a efeito em Cascais, um pouco antes de ser dada a partida

Constituiu verdadeiro êxito a prova para bicicletas com motores organizada ultimamente pelo Sporting Clube de Cascais no passado dia 23 de Setembro. A prova foi brilhantemente disputada, distribuindo-se assim os quatro primeiros lugares: 1.º Guilherme do Ó Martins, 2.º José Luís Salgado, 3.º Álvaro Ferreira, 4.º Bilton.

É de notar que todos estes corredores utilizaram as bicicletas de fabrico nacional da afamada marca VILAR equipadas com os micromotores «Cucciolo» da fábrica DUCATI, excedendo a média horária de 55 quilómetros. Trata-se, aliás, de máquinas que conseguem médias consideráveis com o mínimo de esforço. Quem andou na Volta a Portugal, como nós, teve oportunidade de ver em plena corrida as máquinas «Vilar», admirando a sua resistência, rapidez e comodidade, já confirmadas com brilho em outras provas posteriormente realizadas.

COM
FARINHA 33
um homem vale por três

TUDO MAIS BARATO
—TACAS E EMBLEMAS—
DE TODOS OS CLUBES
OURO, PRATAS E JOIAS
SÓ NA OURIVESARIA
MIGUEL A. FRAGA, L. DA
LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 18
(PAVILHÃO DOS OURIVES)

na capital do NORTE

Mais uma organização que se perde . . .

Os jornais e os comunicados da A. P. A. anunciaram-nos recentemente a organização de um torneio internacional de atletismo entre o Porto e a Galiza. Fizeram-no pela segunda vez este ano. As despesas correram, chegaram a vender-se bilhetes. . .

Mas no sábado marcado para as provas, no Estádio do Lima, verificou-se mais uma vez que os nossos amigos espanhóis não compareceram. O compromisso tomado foi esquecido lamentavelmente!

Ora isto já não acontece pela primeira vez. No Porto e em Lisboa. Os desportistas portugueses, quando se anuncia uma competição com adversários de Espanha, colocam-se sempre na defensiva, e parece que vão tendo razão às carradas. Em coisas desportivas, estamos habituados às variadíssimas confusões provocadas pelas entidades dirigentes da vizinha Espanha, e começa a ser altura de nos defendermos destes casos deploráveis e muito aborrecidos.

A Associação Portuguesa de Atletismo foi concertada obrigada a grandes despesas. Os atletas portugueses, por sua vez, prepararam-se para a luta com os necessários cuidados. O próprio amador, foi dispendo a sua vida de molde a estar presente na competição. Para quê? Para assistirmos ao «velho» espectáculo dos atletas da vizinha Galiza não comparecerem. . .

Quem poderá tomar providências?

Já não é sem tempo. . .

FINALMENTE! A Associação de Futebol do Porto anuncia-nos a realização de um torneio de categorias inferiores. Há muito que temos pugnado por isso, visto que o futebol portuense precisa de alargar a sua esfera de acção, promovendo torneios e disputando taças, tal como acontece em Lisboa.

Na Capital estão sempre em movimento as categorias inferiores. No Porto por falta de iniciativa oficial, tem-se vivido em regime de comodismo insuportável e perigoso para a boa marcha do Futebol.

Sabemos que nos últimos anos foram inscritos na respectiva Associação elementos que não chegavam a tomar parte em desafios de campeonato. Treinaram sempre—mas sem jogar. Ora, como se sabe, os jogadores fazem-se a jogar. E' preciso que subam aos quadros de honra mais curtidos pelo jogo do que pelo treino.

Infelizmente para o jogador e também para o clube, quando chamados às turmas principais, faltam os 90 minutos nas pernas, o «calo» dos grandes desafios e toda uma serie de qualidades rigorosamente necessárias à formação do jogador.

Por isso mesmo, deve aplaudir-se com entusiasmo a decisão tomada pela A. F. P. O campeonato de 2.^o e reservas principiará no próximo domingo, e todos o aproveitarão convenientemente, com toda a certeza.

CURIOSIDADES. . .

O campeonato da 1.^a Divisão portuense está a des-
periar sério interesse no distrito do Porto. A marcha do tirsense, especialmente, impressiona pela regularidade.

● Ao conjunto de Santo Tirso concede-se, desde já, o favoritismo. A seguir pensa-se no Leixões e no Salgueiros. A equipa do Académico, a despeito da boa vontade que demonstra o importante clube do Lima, não deve ter cabedal para se classificar nos primeiros 3 lugares.

● Julga-se que dentro de pouco tempo cairá a semente da relva no terreno destinado ao futebol no Estádio das Antas. Por cima de uma boa camada de pedras, lançou-se já carvão, estando nitidamente desenhadas as pistas de ciclismo e de atletismo. Breve se tratará da terra própria para receber a semente. Não se perde tempo. . .

● Há um desagradável desentendimento entre duas distintas figuras do desporto portuense. Parece que isso provoca um inquérito. No fundo—temos a certeza de que tudo se harmonizará. Que seja assim—são os nossos votos.

● O itinerário da próxima «Volta a Portugal» em bicicleta vai ser alteradíssimo. Afirmam-nos que será assim: Porto—Vila Real—Viseu—Aveiro—Figueira—Santarém—Évora—Loulé—Faro—Lisboa (com descanso na capital)—Tomar—Castelo Branco—Guarda—Braga—Chaves—Corunha—Vigo—Viana do Castelo—Vila do Conde—Guimarães—Porto.

● No Porto, não há semana sem boato. De vez em quando, aparece um. Desde Ben David a Albano, Claro que, na maioria, os «negócios» anunciados salem sempre «jurados». . .

● Ao novo jogador farense do Porto chamam os jornais «Nélo». Não é assim. O correcto elemento vindo de Fafe chama-se José Manuel Barros, e é conhecido na intimidade por «Nellinho». «Nélo» era seu irmão, antigo jogador do Benfica. Logo—ou «Nellinho» ou «Barros». . .

● O Boavista obteve o con-

curso de dois jogadores novos e habilidosos: um vindo de Viana do Castelo, outro da Maia. Este último, de nome Duarte, treinou várias vezes no F. C. do Porto.

● O jogador de cor de quem falámos no último número era Melo, do Benfica. Tratava-se de um boato, como se viu. Mais um. . .

● A notícia respeitante à construção de um campo de «basquetebol» no futuro Palácio dos Desportos causou agradável surpresa. Na verdade, são bem fracos os campos destinados à prática da modalidade, cá pelo Norte, e é pena, visto que o basquetebol é apreciado por numeroso público.

● A propósito:—fala-se na ida ao Brasil da equipa do Vasco da Gama. A tornar-se realidade, está reservado um belo passelo aos desportistas do Bairro Herculano. . .

Um desportista que desaparece

Faleceu no Porto o engenheiro Alexandre Vidal Pinheiro, um elemento que dedicou parte da sua vida ao popular S. C. e Salgueiros. Há tempos, pagando uma dívida de gratidão, foi o engenheiro Vidal Pinheiro eleito presidente honorário do popular clube encarnado nortenho, e nenhum salgueirista deixou de considerar justa a honra atribuída.

O engenheiro Vidal Pinheiro tomou ainda parte na última e agitada assembleia geral do Salgueiros, fazendo ouvir a sua palavra honrada e fluente de modo a estabelecer-se a directriz que melhor servia ao seu clube.

Faleceu novo. O Salgueiros perde sem dúvida alguma um excelente amigo. Também o desporto nortenho, que o engenheiro Vidal Pinheiro valorizou sempre que pôde, deve sentir a sua falta.

Verifique, por experiência própria, a qualidade das películas Lumière.

FEIRA POPULAR

POSIÇÃO DOS CLUBES NA VOTAÇÃO DA "TACA POPULAR"

EM 1 DE OUTUBRO

Benfica	8.834	Covilhã	242
Sporting	6.676	Oriental	97
Belenenses	1.101	Estoril	77
Académica	900	Olhanense	47
F. C. do Porto	321	Braga	46
Atlético	281	Boavista	36
V. Setúbal	252	V. Guimarães	22

DÊ AOS POBRES VOTANDO NO SEU CLUBE

II DIVISÃO

(Continuação da página 2)

Porto

Leça 4 — Académico 2
Tirsense 4 — Leixões 3
Salgueiros 4 — Aves 0

O Tirsense e o Salgueiros parecem as equipas mais bem apetrechadas. O grupo de Santo Tirso tem feito até uma excelente carreira. O Salgueiros também se mostra grupo com capacidade. O Leixões está a sentir muito a falta de alguns titulares. Como reagirá?

Viseu

Lusitano 7 — Tondela 1
S. L. Viseu 1 — Lamego 0
Mangualde 0 — Académico 6

O Académico de Viseu vai amealhando pontos com impressionante regularidade. Vencer por 6-0 em casa do adversário é sintomático.

O Lusitano também venceu por resultado volumoso e o S. L. Viseu encontrou muita dificuldade para vencer.

Aveiro

S. Espinho 5 — Sanjoanense 4
União de Lamas 2 — Beira-Mar 0
Oliveirense 4 — Ovarense 1

Em casa o Espinho teve que lutar muito para derrotar a formação de São João da Madeira. A Ovarense sucumbiu em Oliveira de Azeméis, o que não admira. O Beira-Mar não conseguiu vencer o União de Lamas e vê a sua posição perigar.

Coimbra

Anadia 3 — Marialvas 1
União de Coimbra 4 — Naval 0

O União de Coimbra apresenta-se como o provável vencedor do torneio. A sua vitória sobre a Naval da Figueira da Foz mostra claramente a boa disposição dos coimbrenses. Os Marialvas de Cantanhede não puderam resistir ao ímpeto do Anadia e cederam.

Leiria

Caldas S. C. 1 — G. D. Peniche 0
Ginásio Alcobaça 4 — Torrensense 1
S. L. Marinhas 8 — Bombarralense 0
Marrazes S. C. 1 — Atlético Marinhasense 0

O Ginásio de Alcobaça parece a equipa com mais probabilidades. Tem pelo menos mantido uma excelente marcha. Os outros resultados podem considerar-se normais, e dentro das previsões.

Santarém

Rossense 0 — Ferroviários 4
Esp. Torres Novas 2 — Esp. Benavente 1
Alcanense 1 — Os Leões 1

Os «Leões» de Santarém têm feito boa carreira. escoregaram no perigoso campo de Alcanena. O que não quer dizer que a equipa não se mostre capaz de reagir. O Ferroviários fora de casa alcançou uma expressiva vitória, o que é de saudar.

Portalegre

Alter do Chão 0 — «O Elvas» 9
S. C. Estrela 1 — Portalegrense 1
Eléctrico 2 — Campomaiorense 1

O «Elvas» grupo habituado a andanças mais altas e que um golpe de azar derrotou, venceu nitidamente em Alter do Chão por uma marca volumosa. O Portalegrense cedeu um ponto e o Eléctrico cumpriu a sua obrigação.

Beja

Mineiro Aljustrelense 5 — A. Moura 0
Despental 1 — F. C. Serpa 1

Não é agradável verificar o pequeno número de clubes concorrentes a este torneio. A classificação é confusa. De salientar a marca volumosa do Aljustrelense, e o empate alcançado pelo F. C. Serpa fora de casa.

Évora

Lusitano 10 — União de Montemor 1
Juventude 4 — S. L. Évora 0
Estrela 8 — Ateneu 2

Um resultado que salta aos olhos: a vitória do Lusitano, e por 10-1. O grupo de Évora reforçou-se em massa, mas o União de Montemor tem tradições. O Juventude que também fez um enorme esforço para valorizar a equipa, venceu com nitidez.

Faro

Lusitano 2 — S. C. Farense 1
Boa Esperança 4 — Silves 3
S. L. Faro 1 — Portimonense 6

O Lusitano companheiro de «desgraças» do «Elvas» ganhou com dificuldade que surpreende. A derrota frente ao Portimonense teria abalado a equipa? Não cremos nisso. O grupo tem obrigações e sabe fazer melhor.

E o Portimonense segue a acumular egoladadas. Até onde irão?

Amadeu J. de Freitas

a vida desportiva
POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A derrota de Joe Louis foi o grande acontecimento semanal. Não tanto pela maneira — uma vez que o famoso negro concluiu o combate sobre os dois pés — mas pelo motivo de já não ser o grande dominador, cujos golpes feriram os rivais de meio a meio, como os ratos de Júpiter.

O super-homem do boxe revelou aos admiradores os seus acaques de veterano, promovidos pelo desgaste do tempo. A verdade é que os próprios maquinismos de sólido fabrico sofrem o prêmio dos esforços e Joe Louis tinha essa dívida em aberto com o mais implacável dos credores.

Não devemos, entretanto, atribuir o fracasso de Joe apenas à idade. Outras causas mais discretas contribuíram, efectivamente, para determinar o insucesso do pugilista de Detroit, e a sua delicada situação financeira pode ser uma delas.

Mas a principal respecta ao estado físico do antigo titular, porque Louis está indubitavelmente tocado no cérebro. Tantos anos de actividade e contra adversários de fortaleza certa, como podiam passar sem vestígios duradouros?

O dr. Steinhans, verdadeira autoridade no assunto, garante que Joe perdeu facilidades de coordenação. Os seus movimentos padecem de espontaneidade, manifestando evidente inércia, e daí concluir pela degenerescência do grande gladiador.

O regresso de Louis foi determinado pela necessidade de revidar o pugilismo em Nova York. Sabe-se, por exemplo, que Joe Louis era o promotor do combate e a maior fatia da receita reservou-a para si. Embora Ezzard Charles esteja reconhecido nos quarenta e sete Estados americanos, os novatorquinos consideravam-no, quando muito, o pretendente mais categorizado à sucessão.

Louis deu-lhe a oportunidade. E agora veremos Charles na dependência de Joe, pelo menos por algum tempo. Só assim se explica a resolução do Bombardeiro de Detroit em regressar à actividade contra o mais perigoso de todos os adversários possíveis, quando Lee Savold — outro ambicioso de certo mérito — estava mais indicado para plano de prova.

A batalha foi sincera. Sobre esse ponto nenhuma dúvida são de admitir. Mas o heróico de ébano tirou partido das circunstâncias, coroando um irmão de raça e fortaleceu a sua qualidade de empresário.

A Espanha perdeu um corredor ciclista, Luis Sánchez Huergo, que recentemente participou na Volta ao país vizinho, classificando-se em quinto lugar no Prémio da Montanha.

Podemos afirmar que o infeliz entusiasta do pedal sucumbiu vítima da sua dedicação e espírito de sacrifício, pois, à saída de Málaga, a menos de meio da prova, achou-se enfermo não querendo abandonar o companheiro de equipa.

Quando o seu estado geral se agravou, quarenta e oito horas após a conclusão da difícil caminhada, já a medicina era impotente para debelar a doença. Todos os esforços foram inúteis, sucumbindo aos estragos do seu esforço tremendo.

O exemplo deste jovem não deve ser seguido e é contrário à própria índole do desporto. Devemos limitar a nossa actividade, de acordo com o benefício que a prática dos exercícios físicos nos devolve e nunca, como na guerra, chegar ao sacrifício total da saúde ou da própria existência.

É um erro, se bem que algumas modalidades, como o boxe, estejam subordinadas a ele. Assim, o público exige dos pugilistas a dádiva integral das suas virtudes, de coragem e resistência, insultando-os quando eles se recusam a continuar um combate sem esperanças.

Devemos enfrentar a crueldade das multidões e impor-lhe barreiras, salvando os protagonistas da sua prepotência, como é dever da crítica não estimular esforços desmedidos, embora de natureza espontânea.

O exemplo de Luis Sánchez Huergo parece-nos suficiente, como holocausto. O ideal desportivo tornar-se-ia repugnante se levasse longe de mais o tributo dos apóstolos e os transformasse em mártires.

RAFAEL BARRADAS



A POLÍTICA E O FUTEBOL

SPAAK

inveja os árbitros

DURANTE a reunião da Assembleia do Conselho da Europa há pouco realizada em Estrasburgo efectuaram-se numerosas cerimónias em honra dos seus membros. O presidente, sr. Spaak, e outros dirigentes europeus foram convidados a presenciar uma partida de futebol do Campeonato da França, Racing de Paris contra Estrasburgo, campo local.

Terminado o encontro, os directores do clube local apressaram-se logo a oferecer um vinho de honra. Spaak, contestando algumas palavras de Emanuel Gambordella, presidente da Federação Francesa de Futebol, declarou que era muito doente pelo futebol. «Mas o que mais me surpreende extraordinariamente é a missão dos árbitros! Não queria saber a inveja que me causa ver que uma simples apitadela põe todo o Mundo de acordo!...» Eis um exemplo que todo o bom político devia ver. Já não precisava esta imensidade de organismos de paz...

Ténis

No campeonato internacional de Baden-Baden, o ex-checo J. Drobny bateu o argentino Herald Weiss, no encontro decisivo, por 6/1, 6/1. Nas meias-finais, Drobny ganhara ao francês Destremay, por 3/6, 6/3, 6/1, e Weiss dispusera do Barão de Von Gramm, por 6/4, 1/6, 7/5.

● Durante o torneio de Veneza, os italianos Cuccelli e Merlo revelaram-se superiores aos outros participantes, chegando ao desafio finalista. Cuccelli eliminou o americano Kovaleski, por 8/6, 6/3, e Merlo, fixou o mesmo ao austríaco Rede, por 8/6, 6/2.

Na final, Cuccelli dominou Merlo, por 6/1, 6/3, 2/6, 6/0.

● O campeonato da Costa Sudoeste do Pacífico, no qual participaram muitos tenistas australianos, coube a Franck Sedgman vencedor de Schroeder por inferioridade física (distensão muscular).

Na meia-final este último ganhara a Mac Gregor, por 4/6, 6/3, 6/1, depois de se desembater de Art. Larsen, por 4/6, 4/6, 10/8, 6/3, 6/0 e Sedgman venceu H. Flann, por 6/4, 6/2, 9/7.

● Em Wembley (Londres) está prestes a inaugurar-se um torneio de profissionais, com a participação dos americanos Kramer, Parker, Budge e Gonzalez.



ASPECTO ACTUAL DO ESTÁDIO DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO EM CONSTRUÇÃO — O espaço para o rectângulo do jogo está coberto de carvão aguardando a terra para plantação da relva. À esquerda o terreno foi devastado de forma a construir-se a bancada o mais economicamente possível. Uma grande obra!

BOAVISTA BATE COVILHÃ PELA MINIMA DIFERENÇA



Fernando Casado conseguiu recolher com oportunidade uma bola ao solo lançada pelo árbitro, depois do que centra para Alcino a captar e marcar de maneira indefensável o 1.º gol do seu clube



Uma defesa por alto de bom tipo do guardarede do Sporting da Covilhã

Fotos: HERMANN VICTORINO



Aspecto magnífico da luta entre Alcino e um defesa covilhãense

SETUBAL empata em GUIMARÃES!



Fotos: BENIGNO CRUZ

Silva, guardarede do Vitória de Guimarães, defende por alto embora apertado pelos jogadores adversários



É a fase de insistência de Guimarães, que põe em perigo a zona das balizas de Setúbal



O momento é de apuro para os setubalenses que lutam, aliás, com invulgar energia

Liga o seu palpite...
JOGUE NA CASA
CAMPIÃO
SUA DO AMPARO, 116 - PRAÇA DO ARIERO, S.A.
LISBOA